

# ENTREVISTA COM O PROFESSOR VITOR LIMA (UFRRJ): AS POSSIBILIDADES E DESAFIOS DE ENSINAR E APRENDER FILOSOFIA NO SÉCULO XXI VIA PLATAFORMAS COMO O YOUTUBE

## INTERVIEW WITH PROFESSOR VITOR LIMA (UFRRJ): THE POSSIBILITIES AND CHALLENGES OF TEACHING AND LEARNING PHILOSOPHY IN THE 21ST CENTURY VIA PLATFORMS SUCH AS YOUTUBE

André Almeida Santos **1**

*O professor Vitor Lima é o fundador juntamente com sua esposa Evelyn Lima do canal no YouTube: Isto não é Filosofia – INÉF. Ambos são licenciados em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O canal tem como escopo temáticas vinculadas a Filosofia. E tornou-se um fenômeno desde sua fundação, pois vem crescendo vertiginosamente em número de adeptos, conteúdos e qualidade. Para ter uma ideia no momento em que iniciamos o primeiro contato com o docente Vitor Lima a plataforma apresentava mais de 80.000 inscritos. Quando conseguimos realizar a entrevista com o professor Vitor Lima o canal do INÉF já tinha mais de 100.000 pessoas inscritas. Na atualidade os números são mais de 160.000. Um dos fatores que chama atenção é que a maior parte dos vídeos não seguem a linguagem dos conteúdos que geralmente encontramos no YouTube, pois em sua maior parte são vídeos com 40 minutos e alguns chegam a ter mais de 2 horas de duração. Entre os cursos que podem ser encontrados gratuitamente temos: 1) História da Filosofia (41 aulas), 2) Curso Introdução à Filosofia (51 aulas) e o 3) Curso a Filosofia e seus problemas. Além disso, os docentes fundaram o Núcleo de Formação Filosófica - NFF. Nessa plataforma são mais de 20 cursos, com mais de 4000 alunos. No INÉF temos 5 trilhas de conhecimento, são elas: Filosofia, Literatura, Pensamento Crítico, Técnicas de Estudos e Ciências. Com tamanho sucesso entrevistamos o fundador do Isto não é Filosofia – INÉF o professor Vitor Lima com o seguinte objetivo: Quais as possibilidades e desafios de ensinar e aprender Filosofia no século XXI via plataformas como o YouTube?*

---

**1** Mestrando em Relações Étnico-Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, Licenciado em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus – X, Licenciado em Pedagogia de Projetos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus – X e Licenciado em Filosofia (UNIASSELV). Atualmente é coordenador pedagógico atuando no Conjunto Penal de Teixeira de Freitas – CPTF sendo do quadro efetivo da Secretaria de Educação do Estado da Bahia/SEC-BA. É professor de História concursado na Rede Municipal em Teixeira de Freitas. Ocupa atualmente a vice coordenação da Delegacia do Extremo Sul da APLB-Sindicato. Tem experiência como professor no curso da pós-graduação em Educação do Campo – PGEDUCAMPO na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus - X. Ministrou os componentes: 1) Educação do Campo, Movimentos Sociais e Políticas Públicas; 2) Trabalho e Educação do Campo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6749505409707788> . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3083-1628> . E-mail: [germinal.historia@gmail.com](mailto:germinal.historia@gmail.com)

## **André Almeida Santos – Professor Vitor Lima, o senhor poderia fazer um resumo de como você chegou a filosofia? E como você optou pela Filosofia?**

Eu cheguei à Filosofia como um peixe chega à água. Antes de eu nascer, tanto meu pai, quanto minha mãe já eram leitores de Filosofia. Nos anos 1980, meu pai iniciou o curso superior de Filosofia numa faculdade manauara, ligada à Igreja Católica, que depois veio a ser extinta, transferindo-se, assim, para a Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Porém, não chegou a terminar o curso, porque as obrigações da vida – meu nascimento e a necessidade de trabalhar mais que de estudar – o levaram a suspender o curso (que veio a concluir só depois que eu nasci, por volta dos meus 8 anos). Minha mãe, inicialmente cursou Ciências Sociais (que não terminou), em seguida transferindo-se para Administração (que concluiu), também na UFAM. Minha mãe já tinha família e duas filhas quando conheceu meu pai, porém, quando se encontraram, resolveram ser professores no interior do estado do Amazonas, antes mesmo de se formarem e, retornando a Manaus, conceberam-me e me criaram. Permaneceram juntos até os meus 4 anos, mas os livros que cultivaram durante o período anterior continuaram na estante dos dois, por mais que agora em casas separadas. Foi assim que tive acesso à Filosofia: ela era a água em que eu, peixinho, nasci e nadei. Contudo, como eu cheguei ao curso, é uma história diferente.

Meu pai e minha mãe (mas principalmente meu pai) não eram a favor de que eu escolhesse Filosofia como formação. Parece contraditório, não é? Mas a realidade deles dizia isto: formar-se em Filosofia não garante emprego com salário justo e, portanto, não permite sequer sustentar a família, quanto mais ter uma vida confortável. Por isso, minha relação com a Filosofia em casa era dialética: a negação dos meus pais, a afirmação de todo o ambiente (inclusive das conversas que eles sempre estimulavam), à espera da síntese que eu mesmo propusesse à medida que ia crescendo.

Quando cheguei a hora de escolher, tanto meu pai, quanto minha mãe já eram técnicos administrativos (funcionários públicos) do Tribunal Regional Federal, em Manaus. Eu já pertencia a uma classe média, por mais que ainda morasse na periferia da capital do Amazonas, no Bairro Cidade Nova. Eles já haviam me matriculado numa escola particular de elite, num dos bairros nobres da cidade, o Ida Nelson no Bairro de Adrianópolis, perto do Fórum onde trabalhavam. Tudo se encaminhava para que a minha mentalidade se direcionasse para um ponto: a Faculdade de Direito. Foi o que acabei fazendo – consegui entrar na mesma Universidade que meus pais tinham cursado: a UFAM. Fiz Direito por covardia: tinha medo de ser pobre e não ter condições de sustentar minha família, nem de ter uma vida confortável. A essa altura, meu sonho era ter dinheiro, viajar o mundo e falar muitos idiomas. Comecei na mesma época a alimentar a ideia de ser diplomata e comecei a estudar para o concurso do Rio Branco em paralelo aos estudos jurídicos. Até que surgiu uma oportunidade de ir estudar um semestre, com bolsa de estudos do Banco Santander, via UFAM, na Universidade de Salamanca, na Espanha. E eu consegui a bolsa.

Chegando naquela que é uma das Universidades mais antigas do mundo, com cerca de 800 anos de existência, meu pensamento alargou-se de uma maneira que não imaginava. Trocando em miúdos: parecia que eu estava vivendo um sonho, mas foi um pesadelo. Um espanto – mas não um espanto fóbico, mas um espanto filosófico – o Thaumázein dos gregos. Entrei em crise existencial e percebi que aquela vida de viajar o mundo e falar muitos idiomas não me preenchia. A metáfora que me ocorreu à época para descrever minha situação era esta: eu era um passarinho que saiu da gaiola física, mas a gaiola que importava continuava. Era a minha própria cabeça – dessa eu não havia conseguido sair. Percebi que sem uma finalidade valiosa, isto é, um sentido, todas aquelas outras eram apenas capricho e ideologia barata de classe-média. Viajar para quê? Para viver uma vida de turista e manter uma relação superficial com os países que visitar – tirar mil fotos para mostrar para pessoas com quem eu não me importava e que não se importavam comigo? Falar vários idiomas para quê? Para mostrar erudição vazia e gastar saliva em relacionamentos que eu nunca teria a chance de aprofundar? Sem um propósito genuíno, tudo aquilo simplesmente não fazia sentido. Daí a essas reflexões chegarem ao questionamento do meu curso universitário não demorou. Fazer Direito para quê? Para ter dinheiro e sustentar uma família e ter uma vida

confortável a troco de exercer que ofício? Não me entenda mal: a carreira jurídica pode ser nobre, mas não é para qualquer um, definitivamente não é para mim. Minha mente não é para processos, mas para fins. A mente do filósofo não é a de encontrar os melhores meios para alcançar os fins já estabelecidos. A mente do filósofo é a que se pergunta: mas para que diabos estou perseguindo este fim e não outro? O medo de ser pobre diante de uma vida sem sentido pareceu diminuir a ponto de se tornar irrelevante.

Em resumo, foi assim que cheguei à decisão de fazer Filosofia: quando perdi o medo de ser pobre e tomei coragem da trilhar o rumo que sempre quis trilhar. Foi aí que decidi sair de Manaus e ir fazer Filosofia na UFRRJ, em Seropédica, no Rio de Janeiro. Havia alojamento e havia um professor com quem queria estudar. Mas isso é outra história.

## **André Almeida Santos – Como surgiu o Isto não é Filosofia - INEF?**

Na Faculdade de Filosofia, em 2015, eu e Evelyn – minha sócia e esposa – iniciamos o que viria se tornar nossa empresa, ainda como um canal de YouTube despretenso. A ideia era aproveitar a frase que sempre ouvíamos quando tentávamos fazer algo para fora dos muros da academia: “Mas isto não é Filosofia. Não é sério”. Simplesmente não conseguíamos acreditar nisso, porque as pessoas de fora sempre se mostravam sedentas por saber. E nem sempre eram acolhidas em sua necessidade. À medida que o tempo foi passando, a ideia de montar uma empresa foi se consolidando. Já formados e trabalhando, resolvemos largar nossos empregos para nos dedicarmos completamente ao projeto, que só se tornou possível graças aos nossos apoiadores, responsáveis 100% pelo financiamento de nosso trabalho. Inicialmente via financiamento coletivo (em formato de doação, pela Plataforma Catarse). Posteriormente e até hoje, via o nosso principal produto: nossa escola online – o Núcleo de Formação Filosófica.

## **André Almeida Santos – Existe uma relação direta do surgimento do INEF com o contexto da pandemia? Poderia dizer qual?**

Sim, existe. Não propriamente do surgimento, que foi em 2015, mas da profissionalização do INEF. Foi só em 2020 que o transformamos em Pessoa Jurídica, com CNPJ e decidimos fazer dele um negócio. A história em resumo é esta. Desde 2016, eu trabalhava em uma escola particular do Rio de Janeiro, como professor de Filosofia e de Redação para Ensino Médio e Pré-vestibular. O trabalho era demandante, mas o dinheiro era muito acima da média de ganhos dos professores em nosso país. No início, era um excelente lugar para se trabalhar: valorizava os professores, inclusive investindo em formação continuada, desde os monitores até os professores consolidados. Metade do que eu sou como professor devo à época que trabalhei nessa empresa. De 2016 a 2020, fui progressivamente crescendo na carreira e recebendo mais carga de trabalho. Devido a esse contexto, até 2020, o INEF era um hobby. Não havia tempo para mais nada. A partir do cenário da pandemia, no entanto, o jogo mudou. Não só porque estava em casa e, assim, com mais tempo disponível, mas porque notei que o colégio onde eu trabalhava passou a desvalorizar o meu trabalho. Dois anos antes, a escola foi vendida para um grande grupo educacional e a administração passou a mudar quase que completamente. Isso refletiu no modo como passaram a tratar os professores. Eu tive que tirar do bolso o aluguel de uma internet melhor, de um computador melhor, de uma estrutura de sala melhor para ministrar as aulas – o que demandou boa parte das minhas reservas na época. Em seguida, eles diminuíram os meus rendimentos, sob a desculpa de que eu estava trabalhando menos. Essa foi a gota d’água. Eu – e todos os professores – estávamos trabalhando mais de 12h por dia, porque estávamos disponíveis aos alunos, para dúvidas, o dia inteiro. Nós tivemos que dar um jeito qualquer de nos qualificar para o novo cenário, sem ajuda da escola, o que demandou tempo e dinheiro. E tudo isso para quê? Para a escola dizer que estávamos trabalhando menos. Foi aí que percebi que precisava de um plano para sair. O INEF foi esse plano.

**André Almeida Santos – Se a gente procurar canais de Filosofia os mais assistidos tem vídeos cursos [pouco menos de 20 minutos]. Notamos que essa linguagem é típica da própria plataforma do YouTube com algumas exceções. Como surgiu a ideia de fazer vídeos mais longos abordando os principais filósofos?**

A ideia surgiu da seguinte constatação: há um público que quer estudar Filosofia não apenas para fazer o ENEM, nem somente enquanto desenvolvimento pessoal de consumo rápido. Para esses dois públicos, há ofertas muito boas, até hoje existentes. Porém, percebi que há um público intermediário que estava sendo atendido apenas por uma pessoa: Olavo de Carvalho. Eu simplesmente não poderia deixar isso continuar acontecendo.

**André Almeida Santos – É muito relevante ensinar os jovens a pensar e muitos educadores de diferentes campos falam da importância do pensamento crítico no processo de ensino-aprendizagem e destacam o papel da Filosofia. Recentemente tivemos a Reforma do Novo Ensino Médio. Muitos professores de Filosofia reclamam que esse componente foi praticamente retirado, pois com apenas uma aula não conseguem realizar uma trabalho nos moldes que almejam. O senhor acredita que a Reforma do Ensino Médio trouxe “novas” possibilidades e desafios? Teria como destacar alguns?**

A reforma veio com uma boa intenção: a de tornar a relação ensino/aprendizagem mais adequada ao contexto histórico atual. Hoje, é inviável o modelo do professor despejando conteúdo sobre o aluno. É o que Paulo Freire chamou de “educação bancária”, baseado na alegoria do depósito do conhecimento na cabeça do aluno no momento da aula, com o intuito de que, como um banco, retenha o envelope e o devolva, íntegro, quando o mestre vier sacá-lo, no dia da prova. Nós já sabemos que esse tipo de educação, baseado exclusivamente na memorização e sem relação dialógica com o aluno e o seu contexto social, não funciona há meio século. O desafio é ultrapassá-lo na prática, não só na teoria.

Qualquer solução que não proponha aumento salarial a professores está fadada ao fracasso. É como exigir que um serviço de qualidade seja entregue, pagando pouco. Pode acontecer? Sim – tudo o que não contraria leis da física, pode acontecer. A questão é a chance de acontecer. Quando falamos de políticas públicas, trabalhar com mera possibilidade é um erro evidente: o presente, não só o futuro, está em jogo. Isso sem entrar no mérito das deficiências de recurso dos demais componentes das escolas brasileiras: manutenção precária dos prédios, materiais básicos faltando, insegurança etc.

A reforma não pode vir somente a partir de um documento com diretrizes a serem seguidas. Ao ignorar a realidade das escolas, qualquer reforma está fadada ao fracasso.

**André Almeida Santos – Como a mudança de professor presencial para professor YouTube aconteceu?**

Eu não me considero um professor do Youtube. O Youtube é uma plataforma onde eu mostro o meu trabalho. Também mostro no Instagram. Também poderia mostrar no TikTok. Todas essas plataformas são meios, assim como as escolas físicas são meios para os professores. Em essência, eu sou um professor. Ponto.

Mas, não fugindo da pergunta, comecei a responder isso acima. O processo aconteceu

primeiro em 2015, ainda com o INÉF como esboço. Depois, em 2020, já como o início de um projeto profissional. Porém, o critério definitivo para eu me considerar um professor exclusivo do INÉF foram os rendimentos. Quando eles passaram a me sustentar a ponto de me fazerem largar os outros trabalhos, aí eu me tornei um professor exclusivo. Isso aconteceu em 2021.

### **André Almeida Santos – Como o senhor analisa o conteúdo de Filosofia presente na plataforma do YouTube? Temos bons canais no nível do INEF ou o INEF veio preencher esse espaço?**

Eu não vejo o YouTube como diferente das escolas físicas, nesse quesito específico. Há professores acima da média e há professores abaixo da média, tal qual nas escolas em que trabalhei. Para mencionar quem veicula Filosofia acima da média, não poderia deixar de citar o Se Liga, que é voltado para ensinar as disciplinas de humanidades a quem está se preparando para os vestibulares. O professor de Filosofia é o Daniel Gomes de Carvalho. Hoje ele também é docente do Departamento de História, da Universidade de Brasília. As aulas de Filosofia ali são acima da média não do Brasil, mas do mundo. É um verdadeiro presente ter o Daniel nas redes. E é uma pena que ele não seja tão famoso, quanto os mais famosos em nosso país. Para o bem de todos, um dia ele ainda será.

### **André Almeida Santos – O senhor acredita que a pandemia e o Novo Ensino Médio trouxeram mudanças na forma como se ensina e aprende Filosofia?**

Eu não acompanhei essa mudança nas escolas físicas. Como tenho falado, eu saí desse contexto justamente durante a pandemia. Agora, que o ensino de Filosofia tem mudado, creio que sim.

Desde o século passado que os meios de comunicação de massa têm promovido essa mudança. Inicialmente com as indústrias do cinema, da música, do rádio e da televisão, a divulgação de conhecimento passou a chegar em muito mais gente, não só a acadêmicos. O maior exemplo disso foi o existencialismo francês. Figuras como Albert Camus, Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre viraram ícones pop, não só escritores e filósofos. O existencialismo tinha uma estética: modos de se vestir, de falar, de consumir produtos culturais como cinema e música. O existencialismo tinha uma cosmovisão que capturava mesmo quem nunca tinha lido um livro sequer daquelas três grandes figuras.

Em nosso século, outro grande meio entrou em jogo: a internet. Mesmo diante de toda a desigualdade do mundo e do Brasil, cada vez mais pessoas tem acesso à internet. Quando eu era adolescente, menos da metade da população conseguia acessar. Hoje, já passou da metade. Se as coisas continuarem assim, em pouco tempo a maioria absoluta terá acesso. Isso significa não só algo positivo, mas todos os desafios que já conhecemos: disseminação de desinformação, fortalecimento de fundamentalismos e planejamento de crimes. Por outro lado, também dá acesso a pessoas como o Daniel, de que falei antes; dá acesso a documentários, livros e discussões que uma pessoa que só ouviu a doutrinação da família e da comunidade a vida toda, de outra maneira, não teria acesso; e dá acesso a denúncias de crimes que, em outras ocasiões, jamais poderiam ser testemunhados. A verdade é que ainda estamos aprendendo a lidar com tudo isso. Estamos consertando o carro, à medida que o carro anda.

Em Filosofia especificamente, um fenômeno análogo ao existencialismo francês no séc. XX acontece hoje, no séc. XXI: a revalorização do estoicismo. Nesse evento, há aqueles três desafios. Disseminação de desinformação, quando transformam os estoicos em gurus de autoajuda. Fortalecimento de fundamentalismos, quando fazem desse movimento a base para crenças pseudocientíficas como correntes masculinistas, baseadas na frustração de certo tipo de homem ressentido, por ficar de fora das condições socioeconômicas correntes. Planejamento de crimes,

quando certa retórica estoica é utilizada para vender produtos com promessas milagrosas e, por isso mesmo, claramente picaretas. Porém, há inúmeras outras vantagens. A maior delas é que o interesse por Filosofia deixou de ser algo exclusivamente acadêmico, de quem passa 10 anos estudando, fala 4 idiomas e, claro, nasceu em berço de ouro, numa família de classe média alta.

### **André Almeida Santos – Como o senhor acha que hoje a universidade encara as contribuições das aulas de Filosofia pelo YouTube?**

As Universidades usam as aulas de Filosofia do YouTube. Seja com os próprios professores se baseando no que fazemos para preparar suas aulas, seja com os seus alunos vindo aprender nessa plataforma o que não conseguem aprender em sala de aula. Há professores que passam nossos vídeos para seus alunos, em cursos superiores.

### **André Almeida Santos – Mudando um pouco de assunto, nas aulas de Filosofia o filósofo Schopenhauer é uma das mais assistidas. Esse filósofo é tratado por alguns como pessimista. Ao que o senhor destacaria o sucesso da aula desse filósofo que em vida não teve o reconhecimento de nomes como o de Hegel, mas que hoje tornam-se um dos mais assistidos?**

É uma constante na História da Filosofia. A regra é não ser reconhecido em vida. Para Schopenhauer ser reconhecido, teve que ser lembrado por Nietzsche. Para Nietzsche ser reconhecido, teve que ser lembrado por Heidegger – esse, sim, teve reconhecimento em vida, não só por sua obra singular, mas pela influência que teve em célebres alunos e movimentos do século XX: Hannah Arendt, o existencialismo e o pós-estruturalismo, talvez, sejam os maiores exemplos. No Brasil, muito em decorrência da influência da USP, por muito tempo considerada a principal Faculdade de Filosofia do país, as principais referências vêm da França e da Alemanha. Então, filósofos como Foucault, Deleuze e Derrida, de um lado, e Schopenhauer, Nietzsche e Heidegger, de outro, fizeram a cabeça de muitos mestres e doutores, que formaram outros tantos mestres e doutores, que, por sua vez, formaram grande parte dos professores de Filosofia que temos. O caldo cultural estava feito. Quando chegou a ocasião desse caldo derramar para o grande público, com a televisão e a internet, essas referências começaram a ser disseminadas. Essa é parte da explicação de Schopenhauer ser tão famoso. Mas não só. Essa é parte da explicação de Foucault, Deleuze, Nietzsche e Heidegger serem tão famosos para além da academia.

### **André Almeida Santos - Um dos aspectos da Filosofia no Ocidente é ter como representantes homens brancos. Você acredita que essa hegemonia está ruindo ou que ela vai continuar se perpetuando? Por quê?**

Não sei se está ruindo, mas certamente apresenta rachaduras. Isso acontece não só porque há reações de filósofos de outros cantos do mundo. Acontece sobretudo porque os centros de poder e de disseminação do conhecimento estão, mais que nunca, pulverizados. Essa afirmação não quer dizer que não haja concentração e uniformização do discurso filosófico. Ainda há, afinal são 2500 anos de História nesse sentido.

### **André Almeida Santos - Na Base Comum Curricular tem recebido várias críticas. Entre elas que religião passa a ser um componente**

## **obrigatório no Ensino Fundamental II. Alguns críticos dizem que ao invés de Ensino Religioso, deveríamos ter o componente de Filosofia. O senhor concorda com essa crítica?**

Desde que Ensino Religioso seja entendido como a compreensão científica e filosófica do fenômeno religioso, não a apologia moralista de determinada religião. Ensinar religião nesse sentido que sugiro está indissociavelmente ligado ao pensamento racional e não meramente baseado na fé. Por isso, não vejo como a Filosofia saia perdendo com essa medida, desde que, ressalto, o critério que coloquei seja atendido.

## **André Almeida Santos - O senhor acredita que minisséries como Merlí contribuem para que os jovens despertem para estudar filosofia?**

Sim. O que pode nos despertar para estudar Filosofia pode vir de lugares imprevisíveis. Basta que façam com que alarguemos nosso pensamento. Isso quer dizer que basta que façam com que concebamos uma realidade até então inconcebível para nós. Isso pode vir de uma minissérie e pode vir de uma experiência de vida, a princípio, nada relacionadas à Filosofia.

## **André Almeida Santos - Alguns professores tem utilizado suas aulas na plataforma do INEF que podem ser encontradas no YouTube para aulas presenciais. Existe alguns cuidados didáticos tendo em vista que elas não foram criadas para essa finalidade ou não?**

O cuidado é não fazer como fazia um antigo professor meu, da Faculdade de Direito da UFAM. Ele tinha uns DVDs gravados com aulas suas, que ou vendia, ou distribuía por aí. Quando chegava o momento de assistirmos a sua preleção, ele pegava um projetor, conectava a um notebook, onde rodava a mídia, e saía de sala para fazer qualquer outra coisa. Depois que o filme acabava, voltava e perguntava: “Alguma dúvida?”. Ao que, é claro, ninguém respondia nada, simplesmente porque ninguém tinha sequer prestado atenção no vídeo. O professor que quiser fazer o mesmo com um vídeo meu tem que estar preparado para ter a reação que eu e meus colegas tínhamos naquela ocasião: apatia. A lição é simples: uma aula sem proposta pedagógica previamente planejada para o contexto em que será executada é – e sempre será – uma péssima aula.

## **André Almeida Santos - No Brasil muitos professores que se encontram hoje com o componente de Filosofia no Ensino Médio não são da área, ou seja, não são licenciados em Filosofia. Quais são os problemas que isso pode ocasionar para os estudantes?**

Eu tenho um posicionamento contrário à maioria sobre esse ponto. A princípio, eu não vejo problema em professores com outras formações darem aula de Filosofia, porque eu não considero a formação universitária específica um critério suficiente, embora seja um critério relevante. Eu sei que é um ponto delicado e longe de ser consensual. Por isso, permita-me fazer uma ponderação.

O Daniel Gomes de Carvalho – sobre o qual já falei antes – é formado em História e não em Filosofia e é melhor que 99% dos professores de Filosofia que eu conheço do mundo, não só do Brasil. Você pode contra-argumentar dizendo que se trata de uma exceção. E eu respondo, fazendo outra pergunta: temos em média bons professores de Filosofia, que sejam formados em Filosofia? Eu não conheço estatística alguma sobre isso, por isso a resposta que darei é um palpite, não posicionamento embasado. Ainda assim, a minha impressão é que as Universidades de Filosofia preparam muito mal os professores de Filosofia para Ensino Médio. E fazem isso, porque o foco

é formar pesquisadores, não professores. Avaliam os formandos não por sua capacidade didática também, mas exclusivamente por sua capacidade de concatenar referências eruditas em torno de um assunto técnico da área. Resultado? O professor formado não sabe fazer coisas básicas de seu ofício: usar a própria voz, usar o quadro para fazer anotações que façam sentido, andar em sala de aula com propósito, lidar com o universo de referências de seus alunos.

Por outro lado – e sempre existem vários lados – há professores medíocres que não são formados em Filosofia e, em grande medida por isso mesmo, são o que são. Não é preciso citar nomes, mas eu já trabalhei em escolas com profissionais com esse perfil. E pior: com cargo de chefia, supervisionando o time de professores de Filosofia da instituição. A pessoa em questão sabia com maestria tudo aquilo que citei antes: usar a própria voz, fazer um quadro modelo, portar-se com destreza em sala de aula, lidar com o mundo dos alunos. Porém, era medíocre conceitualmente falando: errava o sentido dos termos, trocava nomes simples e sequer sabia se expressar com rigor e profundidade, limitando-se a repetir banalidades que qualquer pessoa encontra em vídeos de divulgação na TV ou na internet. Eu imagino que seja essa pessoa que está no imaginário de quem teme a ausência de formação em Filosofia em professores responsáveis por essa disciplina.

Por quê, então, eu defendo que a formação não é critério decisivo? Por dois motivos.

Em primeiro lugar, na minha experiência, esse último caso é muito mais raro que o primeiro caso. Em outras palavras, é muito mais comum encontrar pessoas não formadas em Filosofia, mas que são bons professores de Filosofia.

Em segundo lugar, minha percepção é que, da perspectiva dos alunos, é preferível ter um professor pedagogicamente competente, mesmo que com deficiências técnicas em Filosofia, que um professor impecável na técnica filosófica, mas que é um desastre em termos pedagógicos.

Para enxergar meu ponto, mudemos a área. Imagine um professor de Matemática com doutorado no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) – ou seja, uma pessoa tecnicamente impecável. Agora imagine esse mesmo professor sem treinamento pedagógico dando aulas de sua especialidade para adolescentes. Consegue conceber o desastre que seria? Agora imagine um engenheiro de produção ainda em formação. Imagine agora que esse engenheiro em formação consegue uma vaga de monitor numa escola e, aos poucos, vai tirando dúvidas dos alunos, vai substituindo professores, vai assistindo a palestras de formação docente, vai preparando aulas e sendo avaliado por professores mais experientes, até que um dia ele está preparado para assumir uma turma. Agora, ele já sabe tudo aquilo que mencionei: preparar uma aula, fazer um quadro, usar a própria voz, dialogar com o universo dos alunos etc. Eu espero que você não tenha se esquecido que essa pessoa não é formada em nada, muito menos em Matemática – ela está em plena formação em Engenharia de Produção. Ainda assim, você consegue imaginar essa pessoa se saindo infinitamente melhor que o doutor pelo IMPA? Eu não só consigo, como testemunhei vários colegas passarem exatamente por essa situação. Esse é o meu ponto.

**André Almeida Santos - A Filosofia tem um campo de reflexão e produções muito consistente no que se refere à política. Nesse sentido, desde os gregos até a atualidade pensar o poder em suas diferentes esferas foi um dos papéis dos filósofos. Em termos de Brasil, como o senhor observa a ascensão de grupos considerados por alguns como “extremistas” e de que forma isso pode atingir a maneira de Ensinar Filosofia?**

Do modo como vejo, há dois tipos de extremistas: os que querem o fim do campo de diálogo e os que querem a sua realização plena.

Os primeiros são aqueles que, caso cheguem ao poder, implantarão suas ideias únicas e, como diz Albert Camus em *O homem revoltado*, realizarão seus projetos, mesmo às custas de vidas tiradas, porque, de sua perspectiva, o assassinato é um “crime lógico”, justificado por uma teoria, decorrente de um silogismo simples:

1. Todo aquele que pensa diferente de mim não tem que existir.

2. Quem não tem que existir pode ser eliminado.
3. Logo, todo aquele que pensa diferente de mim tem que ser eliminado.

Os segundos são aqueles que contestam a caráter genuíno do campo de diálogo atual. Em outras palavras, argumentam que, sob a aparência do diálogo, na verdade, escondem-se o silenciamento de várias vozes e a manutenção de condições em que o verdadeiro diálogo é impossível. São os que querem mudanças estruturais na sociedade e, com isso, não veem nenhum problema em serem chamados de radicais ou extremistas.

O problema todo é que este último, historicamente, deságua naquele primeiro. Nada mais perigoso que alguém que tem certeza estar de posse do discurso verdadeiro – a Teoria, a Palavra de Deus, a Verdade. Essa pessoa se legitima a fazer qualquer coisa, inclusive atrocidades. De sua perspectiva, não existem atrocidades maiores que ir de encontro à sua cosmovisão.

### **André Almeida Santos - Qual a contribuição que o Ensino de Filosofia pode realizar quando estamos tratando da ascensão de grupos “extremistas”?**

A Filosofia de matriz socrática é filha da democracia ateniense e, portanto, do campo do diálogo, do argumento, do jogo de dar e receber razões. É esse espírito filosófico que está na base do anti-extremismo. Isso porque o extremismo é justamente o oposto desse procedimento. Sócrates foi condenado ao suicídio pelas instituições democráticas do seu tempo. Tal situação indica que a Filosofia, por si só, não pode resolver a questão. Porém, a postura filosófica socrática deve permanecer como ideal, contra a postura autoritária.

### **André Almeida Santos - A história da educação parece não ter dado a Filosofia o lugar que esse componente merece. Nesse sentido, temos Filósofos brasileiros ou apenas professores de Filosofia?**

Temos os dois. A questão talvez seja mais de valorização e divulgação dos nossos filósofos que de sua existência. Miguel Reale e sua teoria tridimensional do Direito, bem como Newton da Costa e sua lógica paraconsistente, ambos são exemplos de produção de pensamento filosófico brasileiro com reconhecimento mundial, mas que é pouco valorizada e conhecida entre nós.

Saindo do âmbito da criação de teorias e conceitos, é possível dizer que filósofo não é só aquele que inventa uma teoria, mas também aquele que trabalha dentro de um determinado esquema conceitual, avançando a discussão dentro desse âmbito. Nesse sentido, temos filósofos e filósofas também com projeção nacional, cada um em seus respectivos âmbitos. Marilena Chaui com sua pesquisa em Espinosa e Scarlett Marton em sua pesquisa em Nietzsche são dois nomes de projeção nacional e internacional.

Em suma, não temos só quem ensina o que os filósofos disseram, temos quem proponha ideias e quem avance o debate dentro de determinado âmbito. Temos filósofos e filósofas – só precisamos conhecer, valorizar e divulgar mais seus trabalhos.

### **André Almeida Santos - Para descontrair um pouco o senhor acredita que no século XXI ainda “só é possível filosofar em alemão” conforme canta Caetano Veloso?**

Esse é um excelente puxão de orelha do Caetano Veloso. E é um puxão de orelha que países periféricos e colonizados como o Brasil precisam sempre lembrar. Esquecer que é essa a nossa tendência é esquecer de nós mesmos.

## **André Almeida Santos - Quais são as principais mudanças que podem ocorrer nas reflexões Filosóficas no século XXI?**

Vejo alguns temas se destacando. Com o rápido avanço da inteligência artificial (IA), questões éticas, como responsabilidade moral das máquinas e viés algorítmico, serão temas importantes nas reflexões filosóficas.

Ainda nessa esteira, a Filosofia da Mente pode ser influenciada pelos avanços na neurociência e interfaces cérebro-computador.

Outro caminho que desponta é a Filosofia voltada para questões ambientais. Aqui, o destaque é devido às crescentes preocupações com as mudanças climáticas e sustentabilidade.

Também fala alto a compreensão da identidade e da diversidade humana, incluindo questões de gênero, etnia e cultura. Sem falar na dicotomia que é tributária das reflexões que iniciaram na virada do séc. XVIII para o XIX, invadiram o séc. XX e permanecem no séc. XXI: a profunda desigualdade socioeconômica e a liberdade de expressão.

## **André Almeida Santos - Quais seriam os 10 livros para quem quer estudar filosofia, mas nunca teve esse componente de forma sistemática na sua vida?**

Os 5 livros acessíveis, escritos por filósofos canônicos que recomendo para iniciantes são estes:

1. Apologia de Sócrates, de Platão
2. Carta sobre a felicidade, de Epicuro
3. Manual de Epicteto, de Flávio Arriano
4. Entre quatro paredes, de Jean-Paul Sartre
5. O estrangeiro, de Albert Camus

Todos são bastante curtos e escritos para o grande público não versado em Filosofia.

Os 5 livros acessíveis, escritos por autores em geral – sejam eles filósofos profissionais ou não são estes:

1. O mundo de Sofia, de Jostein Gaarder
2. Aprender a viver, de Luc Ferry
3. A sabedoria dos mitos gregos, de Luc Ferry
4. Uma breve introdução à Filosofia, de Thomas Nagel
5. Filosofia para mortais, de Daniel Gomes de Carvalho

## **André Almeida Santos - Como o INEF pode contribuir para trazer temáticas, como racismo estrutural, feminismo, questões LGBTQIA+, de classes sociais? Essas questões também dizem respeito ao INEF? De que forma?**

O INEF é uma empresa educacional com várias frentes. Atualmente, nosso produto principal é o Núcleo de Formação Filosófica, que fornece trilhas de aprendizado para qualquer pessoa aprender Filosofia do zero ao intermediário. Nossa proposta única é esta: alargar o pensamento, com honestidade intelectual, por meio da Filosofia. Isso quer dizer o seguinte.

Vamos em busca de sair de nós mesmos – de nossas visões e valores – para voltar a nós mesmos intelectualmente enriquecidos. Isso não se faz somente estudando outras culturas. Isso se faz sobretudo compreendendo o próprio chão, onde nossas raízes estão fincadas. A relação que mantemos com nossas origens intelectuais é geralmente tão superficial que achamos que as ideias que temos foram inventadas por nós. Antes de originalidade e novidade, eu acredito em

profundidade. Numa imagem: antes de sair por aí explorando cada canto do mundo em busca da mais nova notícia, prefiro cavar fundo onde estou.

E claro: essa é uma postura política. Faço questão de declarar minhas visões (sou ateu e social-democrata, por exemplo), para deixar claro que não sou neutro, nem imparcial. Ao mesmo tempo, faço o possível para não deturpar visões alheias às minhas. Um princípio pedagógico meu, por exemplo, é sempre defender o pensador ou a doutrina que estou explicando, mesmo que contrária ao que penso. É assim que dou um curso de Filosofia Medieval Cristã, como se fosse um católico, e dou uma aula de Ortega y Gasset, como se fosse um conservador. É possível que eu nunca me torne um católico e conservador. Mas o exercício de agir como se fosse um durante a aula, tanto alarga meu pensamento, quanto favorece minha honestidade intelectual.

Explico isso para dizer que o Núcleo tem uma postura política – porque todos têm e é impossível não ter –, mas não tem uma postura militante. Por isso, não voltamos esforços exclusivos para políticas identitárias ou classistas – o que não quer dizer que não possamos discutir essas questões no futuro. A temática dos cursos do Núcleo é escolhida pelos alunos. Sua última escolha foi ter um curso voltado para Marx e marxismo. É o que faremos neste ano de 2023, assim que finalizarmos o nosso ciclo de Filosofia Contemporânea, em que abordamos Fenomenologia, Hermenêutica e Existencialismo. Porém, abordaremos a questão ao nosso estilo. E, do modo como fazemos, eu não vejo mais ninguém fazer. Militantes e não militantes ganham com o nosso trabalho.

### **André Almeida Santos - Qual a mensagem para quem deseja cursar Filosofia seja como bacharel ou licenciatura?**

Eu daria três mensagens:

1. Tenha claro para si se você quer trabalhar com Filosofia, ou apenas gosta de Filosofia.
2. Saiba que conhecimentos filosóficos não servem apenas para dar aula ou virar pesquisador, mas podem servir de instrumento para outras finalidades, como escrever, discursar e coordenar pessoas.
3. Não se esqueça: Filosofia não se aprende apenas na Universidade.

Recebido em 23 de abril de 2023.  
Aceito em 18 de dezembro de 2023.

